

CONFLUÊNCIAS ENTRE LITERATURA E PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA: UMA ANÁLISE DA OBRA “TODO MUNDO AQUI VAI MORRER UM DIA”

Uelison Vaz França¹

Ana Carolina Schafaschek Silvestre Bueno²

Mariana Lara Enes Coelho³

Camila Muhl⁴

RESUMO

A literatura constitui um importante meio de expressão dos contextos sociais e das experiências subjetivas do ser humano, que permite a compreensão de sentimentos, conflitos e manifestações do sofrimento psíquico em diferentes formatos. Desta forma, a análise de uma obra literária permite compreender como tais experiências são significadas e narradas na atualidade. Este trabalho, que se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, de caráter documental, tem como objetivo a análise do livro “Todo mundo aqui vai morrer um dia”, de Emily Austin (2025), que retrata em primeira pessoa a vivência do sofrimento psicológico. A análise foi fundamentada no modelo de psicopatologia fenomenológica de Van den Berg, a qual possibilita compreender a vivência do adoecimento psíquico em diferentes dimensões: na relação com o mundo, com o corpo, com os semelhantes e com o tempo. Os resultados evidenciaram que o sofrimento psíquico da personagem não se restringe à manifestação de sintomas, mas envolve uma transformação do modo como ela experiencia e habita o mundo, revelando alterações na corporeidade, na percepção do mundo exterior, na relação intersubjetiva e na vivência temporal.

Palavras-chave: Saúde Mental. Sofrimento Psíquico. Fenomenologia. Psiquiatria na Literatura.

¹ Aluno do 9º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2025-2026). *E-mail:* uelison.vaz@mail.fae.edu

² Aluna do 7º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2025-2026). *E-mail:* ana.carolina.bueno@mail.fae.edu

³ Aluna do 7º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2025-2026). *E-mail:* mariana.coelho@mail.fae.edu

⁴ Orientadora da Pesquisa. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Professora da FAE Centro Universitário. *E-mail:* camila.muhl@fae.edu

INTRODUÇÃO

Contar uma história é, de muitas formas, uma maneira de dar sentido àquilo que se vive. É na literatura que encontramos a palavra como uma exposição de valores, capaz de criar e amenizar conflitos e que carrega consigo todo o contexto de quando é escrita (Candido, 2004; Baiocchi; Niebielski, 2009). A quem lê cabe também uma importante função: a de atribuir significados diferentes ao encontro, único a cada pessoa que o faz (Barral, 2001). Isso fica evidente quando o tema abordado em uma obra literária é o sofrimento psíquico. Ao narrar o adoecimento mental, a literatura não apenas descreve uma vivência individual, mas toda a percepção social, cultural e histórica que permeia o autor de determinada época (Barral, 2001). Quando essa narrativa é construída diretamente na perspectiva do protagonista, ou seja, escrita em primeira pessoa, o leitor se encontra inserido diretamente na fonte da personagem, em sua mente, capaz de acompanhar seu fluxo de consciência e às contradições que podem ser anuladas em um relato exposto por terceiros (Arrigucci Jr., 1998).

Na intersecção entre os campos de estudo literários e psicopatológicos, para a realização deste artigo foi escolhida a psicopatologia fenomenológica como caminho teórico para analisar o conteúdo de um livro que aborda questões de saúde mental. Esse marco teórico coloca a experiência como ponto de partida, buscando um entendimento da realidade da pessoa tal como ela descreve. Utilizou-se especificamente o modelo de Van den Berg (1973), que organizou o estudo da vivência psicopatológica a partir de quatro relações vitais que o sujeito mantém em sua vida: consigo mesmo (seu corpo), com o mundo, com os outros e com o tempo.

O livro escolhido para esta análise foi “Todo mundo aqui vai morrer um dia”, de Emily Austin (2025). A história acompanha Gilda, uma jovem mulher que está, desde as primeiras páginas, em intenso sofrimento psíquico, permeado por suas reflexões sobre a morte, conflitos familiares, inseguranças e dificuldade em manter relacionamentos. No decorrer do artigo, apresentaremos as análises possíveis da história de Gilda a partir da psicopatologia fenomenológica.

1 O SOFRIMENTO PSICOPATOLÓGICO NA LITERATURA

Mais do que uma manifestação artística, a literatura está em constante diálogo com o contexto histórico, cultural e social em que é produzida, dessa forma, é capaz de refletir os modos de agir e pensar de uma sociedade em determinada época (Candido, 2004). O contexto fornece ao artista, segundo Baiocchi e Niebielski (2009), os elementos

que serão transformados na obra literária, possibilitando a manifestação de emoções e visões de mundo.

Dessa forma, mesmo que uma obra possa transcender seu tempo ao abordar conflitos inerentes à condição humana, sua raiz permanece na experiência do autor (Baiochi; Niebielski, 2009). A literatura tanto influencia quanto é influenciada por quem a escreve, e por quando se escreve, podendo ser compreendida como a reorganização de uma estrutura já existente, oferecendo ao leitor a oportunidade de entender o que se passa com a sociedade retratada naquelas páginas. Quando tematiza o sofrimento psíquico, tema deste estudo, a literatura não representa apenas experiências individuais, mas também as concepções que uma sociedade constrói sobre esses fenômenos (Barral, 2001).

A forma como essa experiência chega ao leitor, no entanto, depende das escolhas narrativas do autor. Arriguicci Jr. (1998) destaca que os estilos de narrativa apresentam diferentes níveis de aproximação com a subjetividade da personagem, podendo ser apresentada desde uma observação externa de suas ações até um acesso maior à sua vida psíquica, por meio da análise mental ou do fluxo de consciência com monólogo interior. Nestes casos, o leitor irá acompanhar de perto os movimentos, os pensamentos e as emoções da personagem, possibilitando maior proximidade com a maneira como ela percebe e significa sua experiência. Nos casos em que a obra literária trata do adoecimento psíquico, a escolha da posição do narrador acaba por evidenciar ou mascarar os pensamentos e emoções advindos do sofrimento.

Contudo, a experiência literária não se constitui apenas pela relação entre o autor, obra e contexto. Conforme argumenta Sartre (2004), a obra literária somente se concretiza na presença de um leitor, uma vez que é a leitura que atribui sentido. Dessa forma, os significados produzidos a partir de uma obra podem variar conforme as experiências, conhecimentos e as perspectivas de cada pessoa que lê. Essa característica faz com que uma mesma narrativa permaneça aberta a múltiplas compreensões ao longo do tempo, sem que seu potencial de análise se esgote.

Ao articular as escolhas narrativas do autor com a participação ativa do leitor, a literatura ultrapassa a simples descrição de acontecimento e torna-se um espaço privilegiado de representação na experiência humana, assim aproximando a literatura do campo de estudos psicológicos. A literatura possibilita representações subjetivas que extrapolam categorias técnicas, aqui entendidas como os critérios diagnósticos de um transtorno mental, capazes de ressaltar aspectos únicos da experiência humana, revelando as diferentes formas pelas quais esses fenômenos são vivenciados (Barral, 2001).

Na história da literatura, temos exemplos que demonstram os pontos de encontro com a psicopatologia, tais como: *A redoma de Vidro* de Sylvia Plath, *O Demônio do Meio-Dia* de Andrew Solomon, *O Estranho Caso do Cachorro Morto* de Mark Haddon e *a Paciente Silenciosa* de Alex Michaelides. Todas estas obras representam uma manifestação de sofrimento mental, traduzindo para a linguagem artística questões que são costumeiramente abordadas no campo científico pela psicopatologia.

A psicopatologia, em sentido amplo, dedica-se ao estudo dos transtornos mentais, e busca observar, identificar e compreender seus fenômenos, sem recorrer a julgamentos morais ou verdades absolutas (Dalgalarondo, 2019). Esse campo científico tem como foco o estudo das alterações psíquicas, das experiências subjetivas e dos comportamentos que estejam relacionados ao sofrimento mental.

Dentre as diferentes abordagens e correntes desta área, utilizaremos nesse estudo, a psicopatologia fenomenológica que, segundo Karwoski (2015), é caracterizada por uma perspectiva compreensiva, ou seja, ela busca o entendimento das experiências subjetivas do indivíduo, com foco na forma como ele vivência e atribui significado ao sofrimento psíquico. A psicopatologia fenomenológica tem na descrição da experiência seu ponto de partida essencial, deixando de lado concepções (Rodrigues, 2005; Van den Berg, 1973).

Uma vez que “narrar a própria vida é uma forma de constituir a identidade pessoal e atribuir significado às vivências” (Muhl, 2019, p. 127), a narrativa em primeira pessoa encontrada na literatura, em específico, possibilita uma aproximação à vida psíquica do sujeito. Esse formato oferece um acesso privilegiado aos modos de percepção, pensamento e ação da personagem, aproximando-se do enfoque fenomenológico e seu foco na descrição da experiência vivida.

Desse modo, estabelece-se uma relação entre literatura e psicopatologia: a ciência oferece à obra literária uma fonte conceitual para compreender as experiências subjetivas retratadas na narrativa, e a obra literária traz um repertório variado de manifestações do sofrimento psíquico em sua complexidade e singularidade, por vezes inacessíveis aos instrumentos técnicos tradicionais.

2 METODOLOGIA

A análise aqui apresentada se caracteriza como uma pesquisa qualitativa que se concentra na interpretação de fenômenos sociais e na exploração de elementos não quantitativos para a construção de conhecimento (Bauer; Gaskell, 2017). O espectro de

dados aplicáveis nessa modalidade é mais vasto e não se restringe a elementos objetivos, podendo abarcar representações artísticas, como, neste exemplo, uma obra literária.

Dentro do escopo possibilitado pelo molde qualitativo, é possível mapear e compreender o mundo vivencial, como apontam Bauer e Gaskell (2017), a fim de investigar as crenças, os valores e as motivações que guiam os comportamentos de uma determinada pessoa. Além disso, a pesquisa qualitativa permite que o pesquisador consiga enxergar o mundo pela perspectiva do sujeito analisado, algo fundamental para entender seu processo de criação do mundo social.

Para essa pesquisa que busca compreender a experiência psicopatológica, foi escolhido o método de pesquisa do tipo documental que, segundo Gil (2008), utiliza de dados que obtidos de maneira indireta, como livros, jornais, registros históricos, documentos oficiais, etc. Este formato possibilita uma compreensão ampla do assunto através de materiais diversos que ainda não foram analisados ou que podem ser reinterpretados sob novas perspectivas. Foi empregada também a metodologia de análise de conteúdo (Carlomagno; Rocha, 2016), que trata da classificação e categorização de dados, a fim de delimitá-los a suas características fundamentais.

A fim de delimitar qual obra seria analisada, foram estabelecidos como critérios de seleção que a obra precisava retratar a experiência de adoecimento psíquico, de publicação recente e ser narrada em primeira pessoa. Tais critérios restringem a escolha àquelas obras que permitem o acesso às vivências subjetivas da personagem, o que favorece a compreensão dos significados atribuídos pela mesma ao seu sofrimento psíquico, o que é compatível com a perspectiva da psicopatologia fenomenológica, substrato teórico deste estudo.

Como procedimento, foi delimitado um banco de dados a partir da leitura de seis obras que poderiam constituir a amostra desta pesquisa, todas de publicação recente e que abordaram questões sobre saúde mental, fosse a partir de um diagnóstico fechado ou não, por esse ser um nicho que o mercado editorial tem se dedicado a atender. Dos livros considerados, foi escolhida a obra “Todo mundo aqui vai morrer um dia”, da autora Emily Austin, publicada originalmente em 2021, e que chegou ao mercado brasileiro apenas em 2025. A obra foi escolhida por conveniência por melhor se encaixar nas categorias a priori da pesquisa que apresentaremos a seguir.

Na análise, foram estabelecidas quatro categorias a priori de acordo como o modelo proposto por Van den Berg (1973) ao examinar um caso de adoecimento psíquico na obra “O Paciente Psiquiátrico”, as categorias visam responder às seguintes questões norteadoras propostas pelo autor:

1. Qual é a relação existente, em geral, entre nós e os objetos e que se pode dizer a respeito dessa relação quando há um distúrbio mental?
2. Qual é a relação entre nós mesmos e o nosso corpo, e qual é essa relação quando existe um distúrbio mental?
3. Qual é a relação, também geral, entre nós e outras pessoas e como é essa mesma relação quando há perturbação mental?
4. Qual é a nossa relação com o passado ou, melhor, com o tempo, e que se pode dizer dessa relação quando existe perturbação mental? (Van den Berg, 1973, p. 34).

O livro selecionado foi lido na íntegra pelos três primeiros pesquisadores deste artigo, que categorizaram seu conteúdo de acordo com as perguntas norteadoras. Também foram realizadas discussões em grupo sobre o conteúdo a ser abordado em cada categoria. A orientadora do trabalho, e quarta autora, foi a juíza do conteúdo das categorias, que serão apresentadas na sequência do trabalho.

3 A OBRA “TODO MUNDO AQUI VAI MORRER UM DIA”

“Todo mundo aqui vai morrer um dia” é um romance escrito pela escritora canadense Emily Austin. A autora é graduada em Literatura Inglesa e Estudos Religiosos, pela King’s University College e mestrado em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Western University (Austin, 2025). A obra foi publicada originalmente em 2021, constituindo o livro de estreia da autora. No Brasil foi lançado em 2025 pela Editora Astral Cultura.

O livro acompanha a história de Gilda, uma mulher de 27 anos que vivencia um período de crise, o qual desperta reflexões a respeito da morte e sentido da vida. Recém-demitida de seu trabalho, a personagem encontra um anúncio de terapia gratuita e decide procurar o serviço. Ao chegar no local, descobre ser uma igreja, onde é recebida pelo Padre Jeff, e no fim acaba sendo contratada para trabalhar como assistente administrativa na paróquia. A partir disso, a narrativa acompanha Gilda ocultando aspectos importantes de sua identidade, como sua orientação sexual e suas crenças religiosas, para se adequar às expectativas da instituição e manter o emprego.

Ao longo da história, a família da personagem é apresentada ao público. Marcada pela intensidade e conflitos, a relação de Gilda com seus pais e seu irmão caçula Eli é complexa. Por um lado, seus pais exercem um impacto emocional grande sobre a personagem, especialmente por não acolherem os sentimentos e evitarem conversas sobre o sofrimento psíquico vivenciado pela família. Por outro lado, Eli é alvo de

preocupação de Gilda, em particular nas situações em que ele aparece sob o efeito de álcool e vulnerável emocionalmente. As lembranças da infância compartilhadas entre os irmãos estabelecem um laço afetivo cuja importância se mantém ao longo da narrativa.

Na obra, Gilda relata também sua relação afetiva com Eleanor, uma mulher que conheceu em um site de relacionamentos alguns meses atrás. Conforme a personagem principal se aprofunda nesse vínculo, ela se depara com suas próprias limitações, seus hábitos autodestrutivos e o desejo de manter aquela mulher em sua vida, algo que lhe é estranho, por estar mais acostumada a evitar conexões com outras pessoas.

Um detalhe importante para a história é a existência de Grace Moppet, uma idosa que ocupava seu cargo na igreja e que havia falecido há pouco tempo. Assim, a personagem principal acaba envolvida no meio da investigação após a morte da funcionária ser caracterizada como suspeita. Nesse cenário, Gilda enfrenta consequências de suas omissões e mentiras.

Ao longo da narrativa, conflitos familiares, dilemas relacionados à religião e reflexões sobre a morte e a existência humana são abordados com um humor ácido. O livro é narrado em primeira pessoa, sendo que em alguns momentos é possível ter o acesso ao fluxo de consciência da personagem e em outros a narração parece se afastar dos acontecimentos. Além disso, o livro tem uma construção não linear em relação à temporalidade, alternando entre eventos do presente e lembranças do passado, de modo que são os significados das vivências que constroem as conexões na narrativa - um acidente atual se conecta com um acidente na infância, por exemplo - e não há observância da ordem cronológica.

A narração em primeira pessoa possibilita um acesso à experiência íntima, onde é possível enxergar o mundo pelos olhos da protagonista. Na primeira parte da obra, onde os parágrafos são curtos e muitas vezes fragmentados, é possível apreender o quão confusa Gilda está no começo da história. À medida que a narrativa avança, há uma maior profundidade em seus pensamentos e reflexões, ainda que inconstante, pois em determinadas situações a narrativa volta a ser curta e fragmentada, o que demonstra certa desorganização psíquica.

Esse movimento possibilita ao leitor compreender apenas de forma gradativa a história de Gilda, seus relacionamentos e elementos presentes no seu adoecimento psíquico. A obra é dividida em cinco partes que marcam momentos cruciais na história de Gilda: na parte um, a protagonista consegue seu emprego na Igreja, na parte dois ela confronta seus pais sobre a negligência cometida por eles e a saúde mental de Eli, na parte três ela espiona o padre da igreja para investigar a morte de Grace, na parte quatro Gilda enfim encontra a carta de despedida da senhora Moppet e, por fim, a

parte cinco apresenta a resolução da história de Gilda, sem trazer uma solução para seu sofrimento mental, mas deixando aberto ao leitor a interpretação de que ela estaria em um estado melhor do que no começo da obra.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 GILDA E SEU CORPO

Ao discutir a relação do ser humano com seu corpo, Van den Berg (1973), parte do pressuposto de que não existe separação entre um “eu” e o corpo que habita. O corpo não se constitui apenas de uma matéria retentora da essência de quem o sujeito é; o corpo é o sujeito. Ainda, segundo o autor, colocar uma distância entre o sujeito e sua carne é como abandoná-lo. Quando há sofrimento psíquico, ele não se manifesta apenas em sintomas ou em um determinado órgão, mas na alteração na maneira como o indivíduo vivencia seu próprio corpo.

Essa compreensão pode ser observada na vivência da personagem Gilda, para quem a experiência corporal se modifica ao longo da narrativa. No início do livro, após sofrer um acidente de carro, a vivência é a vulnerabilidade do seu corpo, em que a protagonista afirma: “Seguro firme no volante, intensamente afligida pela realidade de que sou algo vivo, algo que respira, que um dia vai morrer. Motoristas descuidados podem me aniquilar. Estou presa dentro deste corpo frágil” (Austin, 2025, p.13).

Nesta passagem, e em outros momentos do livro, a personagem se percebe como estando sob ameaça, o que transforma a maneira como experimenta seu corpo, agora sob a forte marca da fragilidade. Esse elemento aparece em diversos momentos da narrativa por meio da descrição de sintomas físicos intensos:

Um peso esmagador está sobre mim de repente, sem aviso algum. É como se um gigante invisível tivesse desabado em cima do meu peito. Arquejo, mas não consigo puxar o ar. Meu coração está martelando. Uma sensação avassaladora de pavor toma conta de mim. Pavor. Pavor. Pavor (Austin, 2025, p. 52).

Sob a perspectiva da psicopatologia fenomenológica, tal reação pode ser compreendida para além das dimensões puramente fisiológicas ou sintomáticas, sendo interpretada como uma modificação da própria experiência vivida e da forma como a protagonista se relaciona com o mundo (Van den Berg, 1973). Quando ela sente que o ar não entra e o peito é esmagado, ela não está sofrendo de uma ilusão, mas de uma

vivência corporal concreta no nível da experiência subjetiva. Para o autor, o corpo não é um objeto isolado, mas está intrinsecamente conectado com o mundo. Assim, se ocorre alguma mudança corpórea, a realidade é experimentada de forma diferente.

Tal transformação é evidenciada quando Gilda passa a dirigir sua atenção para o próprio corpo e o espaço que ocupa:

Encaro o teto e, então, encaro a mim mesma. Espera. Eu estou encarando a mim mesma? Como eu poderia estar encarando a mim mesma? Este é meu rosto. Estes são meus olhos; este é meu corpo, vestindo minha camiseta, minha calça e minhas meias. [...] Encaro, lá embaixo, a partícula do universo que meu corpo ocupa. Sou um ácaro. sou menor do que um ponto (Austin, 2025, p. 102).

Nesse trecho, o corpo deixa de ser vivido e se torna um objeto de observação minuciosa da própria personagem. Gilda passa a examinar diversos aspectos de si, como seu rosto, suas roupas e onde está. Fuchs (2018) caracteriza esse fenômeno de hiperreflexividade, o qual pode ser definido como uma consciência excessiva e advém da capacidade do ser humano de reflexão, porém, na forma de uma atenção desproporcional. O exercício feito por Gilda de encarar e refletir sobre si mesma, que poderia ser uma simples ação cotidiana, quando feito de maneira repetitiva e constante, leva a uma experiência de estranhamento e desconforto. A maneira como a personagem encontra para lidar com esse mundo que parou de fazer sentido é listando os elementos concretos que ela encontra à sua volta: uma camiseta, uma calça, um par de meias.

A partir da narrativa da protagonista, é possível identificar também uma alienação para com seu próprio corpo, como exemplificado na seguinte passagem: “Então fui para o banheiro, confundi meu próprio reflexo com um intruso e soquei o espelho” (Austin, 2025, p. 99). Tal reação permite refletir sobre a relação que Gilda estabelece com ela mesma, marcada por um desconhecimento da própria imagem, o que demarca o distanciamento e estranhamento com a própria identidade, que aparece ao longo do livro. Aqui parece haver uma fragmentação entre o corpo que Gilda é, e o corpo que Gilda tem, a ponto de ela não reconhecê-lo.

Van den Berg (1973), compreende que quando um órgão adoece, não é apenas uma parte isolada que sofre, mas o corpo vivencia o sofrimento como um todo. O adoecimento é experienciado como uma experiência global, e no caso da protagonista, ela não experimenta apenas um corpo fragilizado, mas se sente inteiramente vulnerável e ameaçada. Nessa condição, a ameaça transpõe a vivência do adoecimento apenas no corpo físico, afetando a própria identidade. O estranhamento diante da própria imagem e a dificuldade em reconhecer o próprio corpo revelam que não é apenas uma alteração corporal, mas uma transformação na maneira como Gilda experiencia a si mesma.

4.2 GILDA E O MUNDO

A experiência da doença altera a forma como o sujeito percebe e experimenta o mundo ao seu redor. Van den Berg (1973) aponta que o paciente acometido por uma psicopatologia irá relatar as mudanças no ambiente em que vive, desde os objetos que o permeiam até a realidade em si: ruas que ficam estreitas e sufocantes, uma atmosfera mais densa, entre outras representações.

Os objetos são a ponte que conecta e traduz a experiência subjetiva do indivíduo para o mundo material e externo, sendo que seus significados estão em constante transformação:

O que estava vendo então não era a garrafa verde, com o rótulo branco, a cápsula de chumbo e mais detalhes; o que estava vendo realmente era, pois bem, alguma coisa como o desapontamento causado pelo fato de que meu amigo não viria ou pela solidão da minha noite. É claro que eu via a garrafa com o rótulo branco, a cápsula etc. etc. mas o fato de ver essas coisas significava que eu “pulava” por cima do objeto “garrafa”, para “cair” sobre o valor que essa garrafa tinha adquirido para mim esta noite (Van den Berg, 1973, p. 36).

Aqui a relação com o objeto se dá pelo sentido, podendo ter seu significado ampliado. Vejamos um episódio que ocorre após uma conversa entre a protagonista e uma freira durante um funeral, em que a religiosa afirma que o plástico de uma embalagem presente na cena existiria por mais tempo do que ela. Gilda, que está constantemente pensando na morte e em seu próprio desaparecimento, é confrontada com a permanência dos objetos no mundo: “Estou pesquisando no Google quanto tempo leva para o conteúdo do meu lixo se decompor. Esvaziei o cesto no chão da cozinha e estou investigando os itens, um por um” (Austin, 2025, p. 83). O objeto deixa de ser apenas um material descartado para se tornar um símbolo de sua própria finitude.

Segundo Van den Berg (1973), separar o sujeito e o mundo, em uma dualidade paralela, seria anular a própria experiência do indivíduo, e é esse aspecto que sustenta a vivência da protagonista. Logo no início do livro, Gilda ouve sobre um incêndio que ocorreu na vizinhança e, a partir desse acontecimento, inicia uma série de movimentações para prevenir que o desastre ocorra em seu apartamento. Nessa situação, o leitor não está presenciando apenas uma mudança no comportamento de Gilda, mas na forma como ela percebe o mundo, que agora é uma fonte de perigo constante. As alterações já presentes na relação com seu corpo, especialmente sua vulnerabilidade, colidem com as ameaças que o mundo externo oferece.

Van den Berg (1973) destaca que tal transformação é característica do adoecimento psíquico, pois altera a maneira como o sujeito sente, observa e habita o mundo. Nesse

sentido, Gilda reorganiza sua relação com a realidade, que passa a ser permeada por uma sensação de fragilidade. Essa vivência reforça a premissa fenomenológica do autor de que o ser humano só existe no seu mundo; ele se constitui através de sentimentos, pensamentos e sensações compartilhados com o espaço ao redor. É sob essa ótica que Gilda observa o mundo ao seu alcance com seus perigos escondidos e como uma insígnia da sua vulnerabilidade, antecipando obsessivamente a própria morte:

Eu poderia dar um passo em falso, cair no meio-fio e ser esmagada por um ônibus. Poderia me engasgar com um pedaço de pão. [...] Alguém do meu prédio poderia queimar uma pizza congelada hoje à noite e me fritar até a morte enquanto durmo. Um mosquito poderia me transmitir malária. [...] Com todos os jeitos de se morrer que já pairam sobre mim, também preciso me preocupar com psicopatas? (Austin, 2025, p. 137).

É ao imaginar as diversas formas que sua morte pode tomar, que Gilda conquista seu lugar no mundo. Sua relação com a mortalidade transforma os objetos comuns em possíveis riscos à sua vida e, apenas assim, ela se entende como algo presente: “Me pergunto se alguém já morreu olhando para este teto. Me pergunto se eu vou morrer olhando para este teto. ‘Um dia vou morrer’, meu diálogo interno afirma” (Austin, 2025, p. 84). Essa experiência da personagem exemplifica o que Fuchs (2018) descreve como vulnerabilidade existencial, que é uma sensibilidade especial que os humanos possuem para as contradições da vida e que pode gerar situações-limite. Para Gilda, a grande contradição é o desejo de viver perante a certeza da morte. Ao não conseguir lidar com esse dilema, a personagem adocece psicicamente.

A narrativa apresenta diversos momentos que demonstram a grande importância que a ideia de morte tem na forma como Gilda constitui o mundo ao seu redor. Pensamentos e comportamentos acerca disso estão presentes durante toda a passagem de tempo do livro, o que evidencia os diferentes significados que ela mesma atribui à terminalidade da vida: a inevitabilidade deste evento, as diversas formas como pode transcorrer e, mais importante, a ambivalência entre desejo e repulsa que sente em torno dessa ideia.

Analiso as árvores conforme passo por elas, o carro se arrastando pelas ruas. Faço isso para ocupar a mente com pensamentos não relacionados à minha própria e frágil mortalidade.

Aquele é um pinheiro.

Um bordo.

Outro pinheiro.

Abeto.

Minha morte, e a morte de todas as pessoas que amo, é inevitável.

Mais um pinheiro (Austin, 2025, p. 14).

Barulhos farfalhantes no corredor fazem todos os pelos do meu braço se erguerem em posição de sentido, como soldadinhos inúteis. Fecho os olhos e imagino explosões. Disparos. Bombas. Imagino mãos enroscando-se em torno de gargantas, travesseiros sendo apertados sobre rostos. Imagino veneno sendo servido em copos, carros dando guinadas e subindo em calçadas lotadas. Penso em cordas amarradas em pescoços e em gasolina, fósforos e...

Pare.

Pense em outra coisa.

Eu penso em Grace e em seu corpo em decomposição.

Pare.

Pense em outra coisa (Austin, 2025, p. 176)

De muitas maneiras, é a ideia de morte que coloca Gilda no mundo, ou seja, através das diversas alternativas que podem levá-la ao seu fim, ela encontra uma forma de se sentir presente e de ocupar um lugar na realidade. Assim, pode-se entender que a consciência da morte não é apenas um pensamento, mas uma estrutura fundamental da existência, que abre espaço para as angústias existenciais e revela a finitude humana (Fuchs, 2018). Nesse contexto, o ambiente que a abarca passa a ser uma extensão daquilo que ela mesma sente e pensa e os objetos ganham novos significados de destruição, fragilidade e vulnerabilidade. Tal transfiguração do seu contexto, destaca que o mundo não é um aglomerado de objetos neutros, mas está relacionado com a subjetividade do sujeito (Van den Berg, 1973). Dessa forma, a experiência do personagem evidencia que a alteração psicopatológica não se restringe ao indivíduo isoladamente, mas que transforma também a maneira como o mundo se apresenta e é significado por ele.

4.3 GILDA E OS OUTROS

Ao discutir a relação do sujeito com seus semelhantes, Van den Berg (1973) aponta que esta se realiza no mundo através dos objetos, dos planos e das tarefas compartilhadas. O autor destaca que os relacionamentos interpessoais podem se alterar sob determinadas lentes, como a ocasião, as emoções e as pessoas específicas com as quais o momento é compartilhado.

Tal é a importância das conexões interpessoais, que Van den Berg (1973) coloca que tanto a cura quanto a doença se dão na relação com o outro, uma vez que é a partir desse contato que o sujeito será capaz de constituir o corpo em que habita e o mundo em que vive. O autor também traz que: “as palavras, os gestos, e os olhares dos outros podem aumentar ou diminuir a distância entre mente e corpo” (Van den Berg, 1973, p. 71).

Com Gilda, é possível notar uma complexidade nas interações que ela tem com as pessoas do seu convívio. Enquanto em outros contextos a presença do outro pode ser compreendida como uma maneira de gerar intimidade, para a protagonista esta é uma vivência ambivalente: ao mesmo tempo que o contato interpessoal surge como uma fonte de acolhimento, também gera desconforto, intensifica o sentimento de estranhamento e a própria vulnerabilidade. A protagonista descreve o contato social como algo difícil de sustentar, como identificável no trecho:

É bizarro o fato de eu ocupar um espaço, de ser vista por outras pessoas. Sinto como se estivesse caindo pelo espaço e Eleanor tivesse me jogado uma rosa. É um gesto tão doce e tão insignificante. Seria menos devastador cair pelo espaço sozinha, sem outra pessoa caindo ao meu lado. Sempre que alguém faz alguma gentileza para mim, cresce minha consciência do quanto é estranho e triste conhecer alguém (Austin, 2025, p. 162).

Na maior parte do tempo, Gilda evita ter qualquer tipo de relacionamento, pois o contato com o outro lhe é vivido como um fenômeno demasiadamente difícil de compreender e sustentar, aparecendo como estranhamento e não pertencimento. Essa modificação surge na forma como Gilda interpreta os gestos e falas dos outros, especialmente quando sua própria estabilidade emocional é colocada em questão:

Está tudo bem?

Eu li a mensagem duas vezes. Por que ela me perguntou aquilo? Aconteceu um tiroteio perto da minha casa ou algo assim? [...]

Em vez de responder ao comentário dela, eu mando a reportagem sobre a tartaruga” (Austin, 2025, p. 133).

A protagonista está constantemente se questionando se ela é alguém inadequada: “e se o meu verdadeiro eu for desagradável e fizer as pessoas se sentirem desconfortáveis?” (Austin, 2025, p.139). Dentro dessa perspectiva, apresenta-se o conceito de posição excêntrica do Fuchs (2018), que é a capacidade do ser humano de se desprender de si e assumir uma postura de observador, como se estivesse se vendo pelo olhar dos outros. No caso de Gilda, ela deixa de agir de forma espontânea para se avaliar pela perspectiva do outro, passando a monitorar sua própria identidade a partir de um ponto de vista externo.

Neste cenário, é possível perceber que a protagonista está em um constante estado de vigília de suas ações, considerando primeiro a percepção dos outros sobre si. Em sua auto-investigação, Gilda se percebe ridícula pelo olhar do outro e, como uma maneira de defesa, acaba empreendendo falsas narrativas, tentando desempenhar o que ela entende como o comportamento socialmente esperado para aquela situação. Como no fragmento a seguir:

- Você está bem, querida? - Jeff me pergunta

- Sim - respondo, rápido demais, fingindo um sorriso.

É a quarta vez que ele me pergunta se estou bem. Acho que minha cara não é a de alguém que está bem. Olho para o reflexo do meu rosto. Acho que minha expressão neutra é impassível demais. Preciso estar mais atenta a como meu rosto relaxa. Não posso permitir que ele descanse: preciso sustentar conscientemente um semissorriso para aplacar Jeff (Austin, 2025, p. 58).

Nessa passagem, percebemos dois movimentos: primeiro, como o olhar do outro passou a organizar a forma como ela experiencia seu corpo; segundo o mecanismo utilizado por Gilda para minimizar o desconforto que sente consigo mesma a partir do atravessamento da outridade, ao reiterar várias vezes em seus diálogos e no próprio fluxo de consciência as palavras “Eu estou bem”, mesmo quando não é assim que ela se sente. Não aparece à sua consciência a possibilidade de “não estar bem” como uma posição possível e autêntica perante os outros e o mundo.

A partir de uma memória de sua infância, é retomada a origem da necessidade de aparecer “bem” para os outros: “Me lembro de estar sentada ao pé das escadas, minha mãe me passando um sermão a respeito da privacidade e meu pai berrando “Eu estou bem” a plenos pulmões, com o rosto colado no meu” (Austin, 2025, p. 82). Na história, Gilda percebe a fragilidade de seu pai após o falecimento do irmão, tio da personagem principal, e menciona isso para um vizinho. Quando seus pais ouvem sobre o ocorrido, existe a grande preocupação de que o patriarca será visto como “louco” e a resposta imediata é silenciar qualquer manifestação daquilo que foge do esperado pelos outros. Nesse contexto, a expressão de vulnerabilidade aparece associada à necessidade de ocultamento.

Neste tópico, foi possível perceber como a intersubjetividade não constitui apenas os aspectos sociais da existência, mas também as percepções de si, do mundo e do tempo (Van den Berg, 1973). A experiência de Gilda evidencia que o outro não se apresenta apenas como uma presença externa, mas como uma parte da sua própria existência, capaz de aproximar ou afastar a relação consigo mesma. Desta forma, o olhar do outro passa a organizar sua relação com o próprio corpo e sua identidade.

4.4 GILDA E O TEMPO

Na última das categorias propostas por Van den Berg (1973), o foco se desloca para o sujeito e sua percepção do tempo, com foco em como o paciente enxerga seu passado a partir do momento presente, uma vez que “o passado que é significativo, é o passado como aparece agora. O passado que tem significância é o passado presente”

(Van den Berg, 1973, p. 81). Por exemplo, Gilda, após ter uma briga com seu irmão mais novo e não ter notícias suas por dias, relembra a morte da coelha que tinha quando era criança, cujo corpo foi encontrado dias depois de desaparecer de sua vista. Essa memória se reflete no momento presente da personagem, que assume que seu irmão também deve estar morto. O mesmo acontece quando Gilda quebra o braço no acidente de carro e, após dirigir até o pronto-socorro e ser perguntada se estava bem, há uma quebra de cena na qual relembra que já havia quebrado o braço outra vez anos atrás:

- Está tudo bem? - ela me pergunta mais uma vez.

- Ah. - Assinto. - Sim, estou bem.

—

Já quebrei o braço outra vez. Estava na quarta série [...] Sempre odiei ser o centro das atenções. Apesar do meu braço estar quebrado e apesar da dor, que eu classificaria como atordoante, garanti a todo mundo que estava bem até que se dispersassem. Eu não estava bem. Tinha fraturado dois ossos do braço (Austin, 2025, p. 18).

Van den Berg afirma que: “o passado tem uma tarefa. Enquanto essa tarefa não for cumprida, o passado se nos apresentará - a despeito de todos os controles - impregnado do sentido dessa tarefa” (1973, p. 82). Assim, a forma como o passado de Gilda é apresentado na narrativa aponta para sua relevância naquilo que ela está vivendo no agora, algo que importa e se faz ser lembrado. O autor argumenta que a relação dinâmica entre passado, presente e futuro permite a mutabilidade das experiências, novos eventos podem reconfigurar a perspectiva do sujeito sobre o agora.

Vejamos a descrição de Gilda sobre a sua relação com a temporalidade: “Algumas de minhas memórias de infância são mais vívidas do que minhas lembranças do dia de ontem” (Austin, 2025, p.188). A protagonista também afirma “Eu sentia que nunca estava no momento em que vivia. Estava sempre olhando para trás ou preocupada com o futuro. [...] Cheguei à conclusão de que cada momento existe na eternidade. Não importa se é lembrado ou não” (Austin, 2025. p. 194).

Além de explorar o passado, Van den Berg também problematiza o futuro na psicopatologia. A atenção que se volta para o futuro não ocorre como um acontecimento à parte: “O futuro nunca se origina de uma subjetividade puramente pessoal [...] O futuro está estreitamente ligado com outras pessoas e também com outras coisas” (Van den Berg, 1973, p. 89). Mesmo que o passado seja a base da tomada de decisões, as ações do presente nascem do futuro, daquilo que o sujeito almeja, espera e imagina.

Em relação à temporalidade, um evento, tal como o adoecimento psíquico, pode causar uma “ruptura biográfica”, que interrompe a continuidade da vida e

invalida as estruturas de conhecimento que sustentam o cotidiano (Bury, 2011). Um dos impactos causados pela ruptura biográfica é a incapacidade do indivíduo de situar-se em relação ao seu passado ou projetar seu futuro, como também sua própria identidade (Bury, 2011). Além da ausência de passagens em sua narrativa que mostrem alguma reflexão sobre algo para além do agora, a protagonista explicita sua desconexão com o futuro: “Eu gostava de devanear sobre o que eu poderia fazer, aonde poderia ir, o que poderia acontecer comigo. Não faço mais isso hoje em dia. Não consigo me imaginar velha” (Austin, 2025, p.108).

Por fim, a personagem consegue, por conta própria, perceber esta mudança em sua psique, mas não a entende como um prejuízo ou qualidade, apenas como um fato. Van den Berg (1973) destaca que o tempo não corresponde apenas à sucessão de acontecimentos, mas à maneira como passado, presente e futuro se articulam para o sujeito. No caso de Gilda, parecem haver rupturas marcadas entre esses três tempos, demonstrando como o adoecimento psíquico manifesta-se também como uma transformação da experiência temporal, reorganizando o modo como Gilda compreende sua história, atribui sentido ao presente e projeta o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da experiência de Gilda apresentada neste estudo corresponde a uma leitura fundamentada na psicopatologia fenomenológica, principalmente da obra de Van den Berg (1973), e não pretende esgotar a obra analisada ou a teoria. Ainda assim, a escolha de um romance narrado em primeira pessoa foi particularmente pertinente, por possibilitar o acesso à história da personagem e aos sentidos que ela atribui ao próprio sofrimento.

A análise evidenciou que o adoecimento psíquico de Gilda não se restringe à manifestação de sintomas isolados, como o humor deprimido, a despersonalização e a hiperreflexividade, mas envolve uma reorganização de sua maneira de existir no mundo. A partir das categorias propostas por Van den Berg (1973), foi possível notar que as alterações vividas pela personagem atravessam sua relação com seu corpo, com o mundo, sua forma de se relacionar com os outros e sua percepção da temporalidade. Dessa maneira, o sofrimento psíquico manifesta-se como uma transformação da experiência vivida, modificando a forma como a personagem percebe a si mesma, sua realidade e constrói sua relação com o mundo.

A partir da pesquisa realizada, foi possível elaborar um olhar mais abrangente de um relato de sofrimento mental, sem que fosse preciso encaixar os sintomas

apresentados em uma categoria fixa do DSM-V, por exemplo. O trajeto de um indivíduo não se limita a um critério diagnóstico, nem é resolvido pelo mesmo, pois sua experiência subjetiva é singular. Nesse sentido, a literatura pode inclusive constituir um importante recurso didático para o ensino da psicopatologia, ao criar uma situação-simulacro que favorece a aproximação dos estudantes à experiência vivida do adoecimento psíquico.

Por fim, reitera-se a relevância do encontro entre a psicopatologia e a arte, por criar um campo fértil para aprendizado e expressão de subjetividades. O uso de uma obra literária possibilitou uma consideração ética ao analisar experiências, que poderia ser mais restrita no caso de um relato pessoal, por exemplo. Quando se acompanha o sofrimento na visão de quem é acometido, é possível enxergar as contradições que não são expostas ao exterior. Essa oportunidade, além de tudo o que foi apresentado, é insubstituível.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JR., Davi. Teoria da narrativa: posições do narrador. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 31, n. 57, p.9-43, set. 1998.
- AUSTIN, Emily. About Emily. **Emily Austin Author**, [s.l.], 2021. Disponível em: <https://www.emilyaustinauthor.com/everyoneinthisroom>. Acesso em: 23 jun. 2026.
- AUSTIN, Emily. **Todo mundo aqui vai morrer um dia**. São Paulo: Editora Astral Cultural, 2025.
- BAIOCCHI, Alexandre; NIEBIELSKI, Dileuza. Psicologia E Literatura: Um Diálogo Possível. **Travessias**, Cascavel, v. 3, n. 3, 2009. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3442>. Acesso em: 25 jun. 2026.
- BARRAL, Gislene. Vozes da loucura, ecos na literatura. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [s.l.], n. 12, p. 13–38, 2001. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8869>. Acesso em: 25 jun. 2026.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. [s.l.]: Editora Vozes Limitada, 2017.
- BURY, Michael. Doença crônica como ruptura biográfica. **Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 5, n. 2, p. 41–55, 2011. DOI: 10.18569/tempus.v5i2.963. Disponível em: <https://tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/963>. Acesso em: 05 jul. 2026.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2004, p. 169-191.
- CARLOMAGNO, Márcio C; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como Criar e Classificar Categorias Para Fazer Análise de Conteúdo: Uma Questão Metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, [s.l.], v. 7, n. 1, 2016. DOI: 10.5380/recp.v7i1.45771. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771>. Acesso em: 4 jul. 2026.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- FUCHS, Thomas. Doença psíquica e vulnerabilidade antropológica. In: _____. **Para uma psiquiatria fenomenológica: Ensaio e conferências sobre as bases antropológicas da doença psíquica, memória corporal e si mesmo ecológico.**, São Paulo: Via Verita, 2018.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed., São Paulo: Atlas. 2008.
- HADDON, Mark. **O estranho caso do cachorro morto**. Rio de Janeiro: Record, 2018
- KARWOWSKI, Silverio Lucio. Por um entendimento do que se chama psicopatologia fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, [s.l.], v. 21, n. 1, p. 62–73, 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672015000100007&script=sci_abstract. Acesso em: 30 jun. 2026.
- MICHAELIDES, Alex. **A paciente silenciosa**. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- MUHL, Camila. **Veredas Da Loucura: Experiência De Doença E Itinerário Terapêutico**. 2019. Tese (Doutorado em Sociologia) - Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

PLATH, Sylvia. **A redoma de vidro**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

RODRIGUES, Adriano Carvalho Tupinambá. Karl Jaspers e a abordagem fenomenológica em psicopatologia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, [S. l.], v. 8, n. 4, p. 754-768, dez. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-47142005004012>. Acesso em: 4 jul. 2026.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.

SOLOMON, Andrew. **O demônio do meio-dia**: uma anatomia da depressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VAN DEN BERG, J. H. **O Paciente Psiquiátrico**: Esboço de uma psicopatologia fenomenológica. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1973.